



MULHERES E BRUXAS: A FIGURA FEMININA NA AMÉRICA PORTUGUESA ATRAVÉS DA VISITA DA SANTA INQUISIÇÃO NO SÉCULO XVI: FEITIÇARIA, PATRIARCADO E MISOGINIA

Luciana Juvêncio Silva

Graduanda em História na UFAL – Campus do Sertão.
lucianajuvencio@outlook.com

Sergiana Vieira dos Santos

Mestra em Antropologia Social pela UFAL;
sergiana.santos@delmiro.ufal.br

RESUMO

É visível a crescente taxa de feminicídio e misoginia cada vez mais enraizada na sociedade e presente no cotidiano de milhares de mulheres. Este processo fomentado pelo patriarcado não é algo recente, mesmo que o século XXI seja um período marcado por mulheres que cada vez mais estão mostrando a sua força, lutando por uma igualdade de gênero, ocupando espaços e principalmente, denunciando agressores. É um processo contínuo que vem sendo praticado cotidianamente, tendo a figura feminina atrelada a simbolismos e estereótipos que consolidam o machismo. Tratadas como minoria, as mulheres sempre estiveram à margem dos grandes acontecimentos e sujeitos históricos, os homens. Tendo como base o processo contínuo de misoginia enraizado na sociedade, trago como referência o genocídio feminino ocorrido na Idade Média e na Modernidade. A Igreja teve controle dos corpos, das atitudes, dos pensamentos, comportamento e atenta aos que iam contra a ideologia religiosa Católica. Adentrando na Idade Média, trago como personagens principais: as bruxas. Mulheres que tinham conhecimento do corpo, das ervas medicinais, uso de feitiços. Eram parteiras, curandeiras e carpideiras, que se diziam independentes e livres e sendo assim, logo eram taxadas como pecaminosas, hereges, mulheres do diabo. A Igreja Católica para mostrar o seu poder na prática junto à Inquisição, impôs tortura às mulheres que eram consideradas bruxas sendo queimadas vivas em grandes fogueiras em praças públicas, tendo como intuito mostrar todo o seu poder de dominação perante toda a sociedade, para intimidação dos que iam contra ao principal poder do Medievo.

PALAVRAS-CHAVE: mulher, bruxas, misoginia, história.

Introdução

Quando recordamos nossas memórias infantis, nos deparamos com a figura lúdica criada da mulher que é bruxa: a figura da bruxa com sua vassoura e seu enorme caldeirão,



utilizando penas, asas, olhos de animais para a concretização de seu feitiço. Esta representação da bruxa má retratada em filmes e desenhos animados, ainda se faz presente no nosso contexto social e que de forma enraizada se manteve como uma representação do mal.

A bruxa e a sua personalidade forte, invejosa, feia, maléfica e junto ao seu mal agouro, é a maior representação concretizada no consciente da sociedade contemporânea. Este conjunto de fatores que rodeiam e retratam a imagem da mulher provida de conhecimentos para o mal, infelizmente, tornou-se no que chamamos hoje de pré-conceito, acarretando numa das maiores personagens da História vista com maus olhos: a mulher.

Tendo em vista toda essa percepção social e culturalmente construída acerca da bruxa, a sua figura assemelhou-se ao da mulher, independente da mulher ser praticante da bruxaria literal ou não. Toda essa mistura entre a mulher e a bruxa, transformou-se num repúdio ao feminino e trago como ponto de partida, a caça às bruxas na Alta Idade Média e no século XVI na Modernidade, trazendo à tona todo o poder de influência, dominação, moral e perseguição da Igreja Católica voltado ao feminino. Traçando um paralelo com o período de perseguição às bruxas, venho abordar as novas formas de dominação e inquisição à mulher na contemporaneidade.

Analisando os elementos comuns, abordo o contexto de perseguição às bruxas e a contemporaneidade, este presente momento em que hoje presenciamos a morte habitual de mulheres todos os dias. Refletindo sobre os diferentes contextos históricos, nos deparamos com a naturalização ainda presente dos estereótipos voltados para a mulher junto ao processo misógino contemporâneo e principalmente o feminicídio, sobrevivente desde o período medieval até a contemporaneidade. Será que a morte cotidianamente de mulheres é a mais nova forma de ir para a fogueira? E o poder de dominação do patriarcado e machismo, é um fruto de referência da Inquisição? Estas são indagações por mim apresentadas, acerca do lugar da mulher no decorrer histórico.

A “Santa” Inquisição e a caça às bruxas

O processo da Santa Inquisição foi instituído pela Igreja Católica que com a importância de salientar todo o seu poder e influência perante a sociedade, mostrou-se o maior poder ditatorial do período medieval. Para mostrar toda a sua força e poder na prática, a Igreja



revelou seu grande potencial e capacidade de dominação e alienação para a sociedade. Podendo controlar os corpos, a fé, os pensamentos, os comportamentos, o cotidiano e até os relacionamentos.

Tendo em vista um número significativo de pagãos¹ existentes numa sociedade dominada pelo catolicismo, um grupo de pessoas sofreu com toda a repressão religiosa. Dentre esses “grupos minoritários”, as pessoas que mais sofreram perseguições, foram as mulheres. Com o mal atrelado ao feminino, as bruxas sofreram com um dos maiores processos misóginos da História. É importante ressaltar, a naturalidade dos acontecimentos para a sociedade medieval e a revolta para a sociedade contemporânea. Desse modo, exponho a objetificação, o simbolismo, o estereótipo feminino como uma construção social, construção essa a partir dos posicionamentos adotados que vão contra a moral religiosa e ideológica:

A subversão da mulher, considerada bruxa, instiga uma reflexão desta para além do discurso religioso. A ideia então vai ao encontro de pensar a bruxa enquanto uma construção sócio histórica da mulher transgressora, empoderada, sobretudo em relação ao seu corpo (ROCHA, 2016, p.2).

O poder da Igreja com relação aos corpos, é um dos momentos históricos em que a mulher não teve nenhum domínio sobre si mesma, sendo estigmatizada por ideologias religiosas. O clássico medieval *Malleus Maleficarum* de Heinrich Kraemer escrito em 1484 e publicado em 1486, literalmente foi um dos livros de cabeceira para inquisidores e juizes. O livro tem o conteúdo voltado para orientações sobre como reconhecer bruxas e sobre como essas mulheres são maléficas e amantes do Diabo, expondo uma visão negativa do feminino.

Marcado por uma grande difusão de um discurso moral, ideológico e religioso, o poder da Igreja diante de todo o contexto social traz consigo toda uma hierarquização de uma sociedade dominada pelo patriarcado. Algo não exclusivo do Medieval, pois se destrinchou perante o século XVI, trazendo resquícios da Idade das “Trevas”, uma sociedade estritamente masculina:

Que a sociedade da Idade Média era uma sociedade masculina, ou melhor, uma sociedade fortemente marcada pelo homem, é inegável; as suas manifestações culturais têm o selo do domínio, das lutas pelo poder e dos preconceitos masculinos (DUBY & PERROT, 1990, p.353).



Estigmatizado por ser um período em que o “Anticristo” andava sobre a Terra, a Idade Média e mais precisamente a sociedade do Medievo, sofreram com as consequências mediante um contexto histórico em que a fé é utilizada como justificativa para a abominação de tudo que fosse contra os seus ideais.

No século XVI, mudanças na Modernidade ocorrem e junto a ela o poder da Igreja Católica entra em decadência. Surge os novos movimentos e também a transição do teocentrismo para o antropocentrismo, Deus deixava de ser a principal representação do período e como substituto, o homem, e com esta mudança o poder da Igreja Católica entra em declínio. Porém, na América Portuguesa, a Igreja Católica ainda assim manteve o seu poder com o auxílio de irmandades e, inclusive, com a batalha de Lepanto² a Igreja Católica virou a situação. E, dando continuidade aos processos Inquisitoriais, a visitação da Santa Inquisição no Brasil por exemplo, teve o direcionamento total voltada para a fiscalização de indivíduos que se opuseram ao Cristianismo e que recorriam às práticas de feitiçaria como método de cura para seus enfermos, sendo na maioria das vezes praticadas por mulheres:

Principalmente as mulheres foram colocadas como alvo de suspeita para os atos de feitiçaria. Herdeiras de toda uma tradição eclesial que remonta aos primeiros tempos da Idade Média, que as inferiorizava, as mulheres, especialmente aquelas ligadas às práticas de curas populares, como benzedoras e parteiras, foram tomadas como cúmplices íntimas de satã (SILVA & SAMPAIO, 2014, p.13).

Dando continuidade às perseguições, a busca por feiticeiras e bruxas manteve o seu teor estereotipado que conseqüentemente acarretou em processos também contra mulheres que não eram bruxas. Ser mulher na Idade Média e na Idade Moderna, era tido como uma sentença que não dentro do padrão estabelecido pelo maior poder deste contexto histórico, o resultante seria a perseguição, tortura, humilhação e morte.

Mulheres x bruxas: uma figura socialmente construída

O papel feminino na sociedade é representado com estereótipos negativos e a partir destas representações no decorrer da historiografia, as mulheres foram colocadas à margem do papel masculino na sociedade. A figura da mulher relacionada à bruxa é emergente desde a Idade Média, sendo uma construção social e histórica, a figura da bruxa carregou repletos estereótipos que acarretaram num processo de perseguição e julgamentos. Ser mulher já era



motivo muito relevante para ser provida de conhecimentos mágicos, como por exemplo, o uso de feitiços, ervas medicinais e saberes do corpo:

[...] parteiras, curandeiras e carpideiras, as bruxas misturam em seu caldeirão os mistérios da vida e da morte herdados das tradições pagãs”. p.4. A imagem da bruxa é assemelhada ao modo de como era vista a mulher, tendo associações que a partir de seus possíveis conhecimentos as tornavam contrárias aos ideais religiosos. As mulheres que se declaravam independentes e livres acabaram sendo punidas pela Inquisição e conseqüentemente torturadas e mortas, jogadas nas grandes fogueiras em praças públicas, justamente porque “(...) a máquina civilizatória não conseguiu dominar. (ROCHA et. al, 2016, p.5. *apud*. ZORDAN, 2005, p.331)

Toda a tortura feita às mulheres tinha o intuito da Igreja mostrar todo o seu poder, principalmente de dominação dos corpos e para deter toda essa heresia que para a Igreja Católica se configurava no conhecimento de manipulação de ervas, ser contra a doutrinação religiosa, ser independente ou apenas ser mulher. Como resposta a estas heresias, grandes fogueiras eram postas em praças públicas e todas as pessoas que praticavam quaisquer atos considerados ofensivos, se resultavam em mulheres jogadas na fogueira pois não poderiam ter o próprio domínio e obter conhecimentos que não tivessem cunho religioso. Atitudes estas que serviam justamente para intimidar todas as pessoas que iam contra a doutrina religiosa.

A família patriarcal caracterizada pela clara submissão feminina, predominou na sociedade brasileira desde o século XVI até o final do século XIX. De acordo com sua lógica, mais precisamente no Medieval e na Idade Moderna, toda mulher era desprovida de conhecimentos suficientes para por exemplo, curar os males do corpo, tornando inútil o seu conhecimento e manipulação do uso das ervas daquelas mulheres que eram encaradas como bruxas ou feiticeiras.

Tendo em vista o crescimento do número de mulheres na medicina da contemporaneidade, há um viés relevante para uma resposta à corrente patriarcal que de forma enraizada menospreza a presença da mulher e seus conhecimentos em todo o decorrer histórico. Porém, trago dois pontos que ainda se fazem presente independente do contexto histórico: mesmo que a presença da mulher na medicina seja representativa e desde 2009 venha aumentando, tendo 39,9% de mulheres ocupando estes cargos, ainda sim é gritante a desigualdade salarial. As três categorias mais baixas são ocupadas por cerca de 80% das



mulheres, já nas categorias mais bem remuneradas na medicina é de 51% de prevalência masculina.

O segundo ponto que irei abordar são as mulheres curandeiras e benzedoras, providas de sabedoria na manipulação de ervas, descendentes de suas ancestrais que resistem até hoje com todo o seu conhecimento e, também, como forma de resistência. É importante ressaltar que é mais visível estas práticas com a utilização de recursos naturais, nos interiores do país e principalmente nas regiões Norte e Nordeste do Brasil. A utilização da natureza na manipulação das ervas se une ao ato de fé, que com o uso de chás de ervas, benzimentos, banhos, rezas, e também baseadas nas fases da lua, são segmentos que juntos orientam e a partir da fé são passíveis de cura, amenizando males do corpo. Como abordado anteriormente, a cultura popular da manipulação de ervas é bastante conhecida principalmente no interior do país, mas, mesmo assim é sujeito a preconceito, intolerância religiosa e também machismo.

Quando trago as rezadeiras e benzedoras dando-as visibilidade neste artigo, mostro como a incapacidade feminina ainda é tendência perante o viés patriarcal. O quanto ainda a manipulação das ervas feita por mulheres são encaradas e submetidas como possíveis pactos diabólicos, dando um ênfase ao cristianismo da Igreja Católica que ao tratarmos de elementos comuns, pode-se traçar o julgamento à mulheres encaradas como bruxas no período medieval se estendendo na Idade Moderna, que utilizavam as ervas, unindo-se às curandeiras.

A figura feminina na Idade Média, por um período na Idade Moderna e também trazendo para a contemporaneidade, tem uma representatividade negativa, distorcida, unindo elementos que de forma enraizada perpetuam na sociedade, fomentando o que chamamos hoje de misoginia.

Elementos comuns e avanços: o cotidiano da mulher na Baixa Idade Média e na Contemporaneidade - redefinições na vida feminina

Na virada da Alta Idade Média para o início da Idade Moderna, o papel da mulher na sociedade era muito restrito e baseado em obrigações, submissões com relação a seus maridos e a moral religiosa. Logo, as mulheres prosseguiam sendo objetos que absorviam todas essas regras de uma sociedade fortemente patriarcal, seguindo submissas e tendo seus atos limitados pelas normas da sociedade e tendo suas vontades controladas. Mas, com o final da Idade



Média, se revela um momento marcado por mudanças, revoltas, mas não apenas para as mulheres. Ocorreu uma maior mobilidade social, incluindo inovações técnicas no campo e na cidadee, também, mudanças nos segmentos culturais e religiosos. Apesar, dessas áreas terem sido as conquistas mais frágeis e vulneráveis.

A escrita no Medievo com relação ao cotidiano da mulher é escassa, sendo difícil encontrar escritos feito por mulheres:

É no geral muito difícil encontrar nas fontes escritas da Idade Média testemunhos autênticos provenientes da mão ou da boca das mulheres; no entanto, as trevas que escondem praticamente todas as filhas de Eva nos primeiros séculos da Idade Média (DUBY&PERROT, 1990, p.353).

As mulheres são apontadas como descendentes de Eva sendo encaradas como passíveis ao pecado e, juntamente todo o pecado cometido por nossa matriarca Eva, estigmatizou todas as mulheres. As maneiras de adequação se dão a partir da moralidade, religião e sua ideologia e também do que é patriarcal no período Medieval e Moderno. No entanto, o lugar da mulher no decorrer histórico, veio sofrendo mudanças que consequentemente alteraram as formas de realidade de várias mulheres. É importante salientar que essas mudanças ocorreram a partir da própria atitude feminina que esgotada do tradicionalismo pregado na sociedade junto ao patriarcalismo sobrevivente desde o Medievo, movimentos foram traçados pelas próprias mulheres que com o exemplar de suas ancestrais, sendo submissas aos desejos masculinos e moralidade religiosa, aspectos esses que desencorajavam mulheres serviram como uma forma de resistência para suas descendentes, dando uma reviravolta na História Cultural e na História das Mulheres.

A tentativa de silenciamento perante a mulher vigorou durante muito tempo. No decorrer histórico, a sociedade além de enxergar, construiu um padrão para o comportamento feminino e a partir destes padrões sociais perante a mulher foi produzida uma nova forma de poder. A Igreja teve seu poder durante a Idade Média e também num período da Modernidade, mas, num período remoto a esses momentos históricos, a contemporaneidade surge com as suas novas formas de poder junto à inferiorização espontânea perante o feminino:

Esses discursos recorrentes exerceram influência decisiva na elaboração de códigos, leis e normas de conduta, justificando a situação de inferioridade em que o sexo



feminino foi colocado [...] Assim, a desigualdade de gênero passa a ter um caráter universal, construído e reconstruído numa teia de significados produzidos por vários discursos, como a filosofia, a religião, e educação, o direito, etc. perpetuando-se através da história, e legitimando-se sob seu tempo (FARIAS, 2009, p.924. *apud*. TEDESCHI, 2008, p. 123).

A condição feminina na sociedade passou por transformações, mas, trouxe resquícios de estereótipos e representações negativas que de forma enraizada se difundiu e perpetua na sociedade atual. Porém, no decorrer da História a mulher vem mostrando o seu lugar de fala na sociedade e em todo o seu contexto, concretizando assim, toda a luta feminista do século XIX em apoio à mulher, que durante décadas foi silenciada em vários aspectos:

Foi necessário o aparecimento dos novos movimentos feministas e o próprio interesse das mulheres por elas próprias para que emergisse, dos fantasmas masculinos da Idade Média, uma história das mulheres que teve por objetivo descobrir o mundo das mulheres marcado pelo dos homens, para reconstruir a sua visão das coisas, as suas experiências e necessidades, os seus desejos e atividades. (DUBY & PERROT, 1990, p. 353)

A emergente necessidade de uma representatividade feminina tem também o objetivo da tentativa de findar todos os valores morais, sociais, religiosos e limitantes que se impõe ao feminino. De forma preponderante se fez e faz importante, numa sociedade tradicionalista que possui o hábito contínuo que de forma enraizada partilha o julgamento, desprezo, preconceito, machismo e misoginia cotidianamente. O século XIX é marcado por uma grande força e defesa à resistência feminina, a luta das sufragistas retrata muito bem a inserção dos direitos da mulher na sociedade, acarretando em novos movimentos feministas ampliando os direitos da mulher na sociedade e conquistando direitos iguais aos homens que por muito tempo se vigorou e inclusive vigora, os privilégios masculinos. Sendo assim, este grande movimento vem para a exaltação do empoderamento feminino e também da libertação do patriarcado.

Analisando o contexto medieval mais precisamente para o processo feudal, o trabalho coletivo era um espaço fundamental para que as mulheres também desenvolvessem seus trabalhos, porém diferente de uma espécie privada vista no capitalismo no século XV, com o declínio do sistema feudal. Existia uma divisão sexual do trabalho no processo feudal, as mulheres de forma sistemática seguiam submissas no trabalho e em casa, porém, segundo (FEDERICI, 2004, p.191): “(...) a divisão sexual do trabalho era menos pronunciada e



exigente que nos estabelecimentos capitalistas.”Com o trabalho voltado para o campo e também em atividades domésticas, o papel do trabalho feminino na sociedade feudal não era desvalorizado e também não presumiam relações sociais distintas dos homens. Algo que viria ocorrer com a inserção do capitalismo, quando o trabalho doméstico culturalmente exercido por mulheres, viria a ser desconsiderado como um trabalho. (FEDERICI, 2004)

Fazendo uma reflexão ao trabalho da mulher no sistema feudal tendo como base a cooperação entre mulheres para o desenvolvimento do trabalho no campo (fazer colheita, lavar, cuidar dos animais), pode-se observar um poder feminino oculto, levando em consideração toda a solidariedade feminina e companheirismo entre elas. Apesar desta força ocultada da coletividade feminina, representando força, encarados como uma figura superior, dominante e poderoso, os homens tinham a lei Canônica a seu favor, uma garantia a seu direito para agredir sua esposa.

O controle da Igreja Católica sobre os corpos exercia o domínio principalmente a homossexuais e mulheres, mas, com a inserção do capitalismo este domínio foi dividido entre a Igreja e o Estado. Por exemplo, com relação ao controle na taxa de aborto se fez a partir de uma naturalização do “trabalho” reprodutivo feminino, tendo como intuito a necessidade de uma crescente taxa de natalidade para uma maior produção do proletariado. Com o controle dos corpos por parte do Estado e da Igreja, a sistemática era uma maior incidência de gravidez, logo uma maior taxa na população, junto a um excedente populacional gerando mais capital e acarretando num barateamento dos trabalhadores.

Com a desvalorização do trabalho feminino, a mulher tornou-se “um contrato sexual” (FEDERICI, 2004. *Apud.* PATEMAN, 1988). Tendo como seu papel principal de reprodutoras, mães, filhas e viúvas, seus “donos” tinham o livre arbítrio para terem acesso aos corpos de suas mulheres e de outras mulheres senão as que eram “propriedade” dos homens burgueses. Isso ocorreu como uma substituição de terras que eram perdidas nas quais os homens tinham como seu meio de produção, mas com os cercamentos de terras ocorreu esta substituição, transformando a “mulher comum.” (FEDERICI, 2004. *apud.* KARRAS, 1989.) Esta objetificação da mulher como uma propriedade, tem como finalidade apenas a função de reprodução bastante enaltecida com a inserção do capitalismo, tornou-se uma das derrotas históricas para o gênero feminino.



O papel da mulher ao longo da História sempre foi referenciado de forma maternal, como dona de casa, esposa e filha. Este papel da mulher na sociedade teve sua continuidade no decorrer histórico, mantendo principalmente a figura da submissão do feminino perante o masculino que tem como papel principal o provedor da casa e maior símbolo de autoridade. Porém, através das transformações históricas ocorreram alterações no papel da mulher referindo-se ao seio familiar, mas também no trabalho:

Com o avanço tecnológico, a família, inevitavelmente, sofreu alterações em seu cotidiano, onde a mulher deixou o papel de cuidadora e passou a trabalhar fora junto ao homem dividindo, assim, a responsabilidade dos pais perante a educação dos filhos (COSTA & ANDRÓSIO, 2010. *Apud.* DIAS, 1997).

O ganho de espaço a partir do século XIX com o movimento feminista, conseqüentemente trouxe alterações no cotidiano da mulher na sociedade acarretando em participações políticas, sociais, culturais e também num processo de luta por direitos igualitários. Com esta nova situação na condição feminina, a alteração recorrente ao novo papel da mulher que se impõe e impõe suas vontades e ambições, reflete na mudança de papel das mulheres também na família contemporânea. A vida doméstica mediante as relações de vínculos familiares e suas dinâmicas, tornou-se mais suscetível a divisões das tarefas domésticas.

Devido às mudanças ocorridas ao longo dos anos na vida da mulher tanto no sentido profissional quanto no pessoal, a mulher hoje em dia tem sido mais independente, mudando os hábitos que lhes eram impostos pelo marido, sociedade e pela própria família, onde a sociedade impulsionava os pais a ensinarem às mulheres, desde pequenas, que elas deveriam casar-se para cuidar dos filhos, da casa e do marido. (COSTA & ANDRÓSIO, 2010)

Com os espaços cada vez mais ocupados por mulheres no mercado de trabalho, a inserção do feminino em espaços majoritariamente masculinos é um retrato de lutas feministas que estão cada vez mais presentes no cotidiano da contemporaneidade.

Considerações finais

Numa sociedade em que ainda perpetua valores patriarcais e conservadores, infelizmente ainda há reproduções de comportamentos ultrapassados que dão continuidade a uma cultura machista, mas, em contraponto, a resistência de mulheres persiste de forma cada



vez mais sólida. A luta do feminino salienta a importância da presença de mulheres na sociedade, seja no mercado de trabalho, em movimentos sociais, na família e em quaisquer relações. Sem dúvidas, é notável o quão grande é este marco histórico para a História das Mulheres, uma história que apesar de ter sido escrita à margem dos grandes homens, contemporaneamente está mostrando toda a sua força e representatividade.

Este é um momento marcado pela perda da dependência para o ganho da independência feminina perante o masculino, tanto no setor do trabalho e também nas relações sociais, onde cada vez mais mulheres estão se priorizando e priorizando a ter relacionamentos saudáveis, e não submissos e tóxicos. Algo distinto quando tratamos da condição feminina ao longo do período Medieval e no início da época Moderna, onde as mulheres solteiras neste contexto, eram passíveis de se envolverem em qualquer relação sexual ou amorosa, porém, carregando o estereótipo de “prostituta” e de “mulher pública” caso não fosse casada e assumisse o estado civil de solteira.

É muito enriquecedor e muito satisfatório, ser mulher e estar adentro da luta de milhares de mulheres que lutam para manter seus direitos conquistados e também, na luta para conquistar mais direitos que são necessários. A luta feminista envolve toda uma sociedade feminina que por mais que tenha conquistado direitos, ainda sofre com a perpetuação do machismo todos os dias e, sem falar no feminicídio. A misoginia é a causa em que mais matam mulheres no Brasil, infelizmente são altos índices de misoginia praticada e em seguida o feminicídio: 13 mulheres são mortas por dia no Brasil, um aumento de 30,7% nos últimos 10 anos.

É gritante e assustador, existir altos índices de feminicídio no país e sendo eles causados na maioria dos casos, por seus próprios companheiros. A palavra “não” ainda não é reconhecida por homens que reproduzem comportamentos machistas e misóginos, não aceitam suas companheiras trabalharem, estudarem, ter um local de destaque ou simplesmente não aceitam o término da relação. Ser mulher nesta sociedade traz uma mistura de felicidade e tristeza, orgulho e medo, a resistência de mostrar-se e empoderar-se sabendo das consequências.



Por fim, a concepção de mulher-bruxa ainda está presente na sociedade atual, sendo ela associada a mulheres repletas de autoconhecimento, algo que excede os padrões de uma sociedade totalmente conservadora, machista e patriarcal. Mulheres que a partir da Idade Média, mesmo tendo a concepção de que a liberdade é sinônimo de morte, assumem seu papel de resistência mesmo que as consequências sejam um “revival inovado” e transforme-se nas novas fogueiras Inquisitoriais da contemporaneidade.

NOTAS

¹Os pagãos para a Igreja Católica são aqueles que perante a ideologia do catolicismo são adversos. Religiões que há a adoração de vários Deuses e também, relações com a natureza.

²A batalha de Lepanto é uma das maiores batalhas navais da história. Batalha onde os católicos com a ajuda de Nossa Senhora venceram os turcos que estavam invadindo a Europa.

Referências

Tribuna PR, 2019. Disponível em: <<https://www.tribunapr.com.br/noticias/seguranca/brasil-13-mulheres-mortas-por-dia-atlas-violencia/>>. Acesso em: 15 de out. de 2019.

A Batalha de Lepanto. **Lepanto – Frente Universitária & Estudantil**, 2009. Disponível em: <<https://lepanto.com.br/historia/a-batalha-de-lepanto/>>. Acesso em: 15 de out. de 2019.

BENZEDEIRAS, REZADEIRAS, CURANDEIRAS: A CURA PELA NATUREZA E PELA FÉ. **GreenMe.com.br**, 2017. Disponível em: <<https://www.greenme.com.br/viver/costume-e-sociedade/2517-benzedeiras-rezadeiras-curandeiras-a-cura-pela-natureza-e-pela-fe>>. Acesso em: 15 de out. de 2019.

COSTA, I. H.; ANDROSIO, V. de O. **As transformações no papel da mulher na contemporaneidade**. 2010. 16 p. TCCP (Pós-graduação em Saúde Mental e Intervenção Psicossocial) Universidade Vale do Rio Doce, Governador Valadares, MG, 2010.

DUBY, G.& PERROT, M. **História das mulheres no ocidente: a idade média. vol.2**. Edições Afrontamento, Lda. Edição 479, 1990.

FARIAS, M. **A História das Mulheres e as representações do feminino na história**. Estudos Feministas, Florianópolis, 17(3): 921-935, setembro-dezembro/2009.



FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Editora Elefante, 2017

PINTO, T.& ALVAREZ, T. **Introdução. história, história das mulheres, história do gênero. produção e transmissão do conhecimento histórico**. *Exæquo*, n.º 30, 2014, pp. 9-21.

PINTO, T.& ALVAREZ, T. **Introdução. história, história das mulheres, história do gênero. produção e transmissão do conhecimento histórico**. CEMRI, Universidade Aberta, Portugal. *Exæquo*, n.30, 2014, pp. 9-21.

PORTELA, L. **Malleus maleficarum: bruxaria e misoginia na baixa Idade Média**. *Religae*, v.14, n.2, dezembro de 2017, p. 252-281.

REIS, M. **O quadro de perseguição à feitiçaria no mundo português quinhentista através da produção de discurso patriarcal e misógino**. *Revista Escritas do Tempo* – v. 1, n. 1, mar-jun/2019 – p. 72-98.

ROCHA, L.; BELARMINDO, L.; PESSANHA, L. **Bruxa: uma construção histórica da mulher que conhece o próprio corpo**. 4º Seminário Internacional de Educação e Sexualidade. 2º encontro Internacional de estudos de gênero: fundamentalismos e violências. Vitória/ES, 2016.

SILVA, K.& SAMPAIO, J. **Mulher e feitiçaria na américa portuguesa do século xvi: cotidiano, magia e inquisição**. X Encontro Estadual ANPUH – PE, HISTÓRIA e Contemporaneidade: articulando espaços, construindo conhecimentos. 2013, PE.

VAINFAS, R. **Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil**. Editora: Civilização Brasileira, 1989 (rec.2010).